

EDITORIAL

Guardam uma preciosa lição as visitas nada despretensiosas que dirigentes das unidades gaúchas da Embrapa fizeram e ainda farão ao Sistema Farsul, a fim de descobrir como melhor ajudar a produção do Estado e discutir ações conjuntas na transmissão de conhecimento na propriedade rural. A empresa pública que, por excelência, representa a pesquisa agropecuária brasileira demonstra, nesse pequeno gesto, que pesquisa e tecnologia foram fundamentais para o Brasil figurar hoje como uma potência agrícola mundial, mas que nada disso seria possível sem educação.

Entre os milhares de visitantes da 40ª Expointer, um em especial falava no setor dessa maneira. Trata-se do secretário executivo do Senar, Daniel Carrara, convidado a discorrer sobre o que representavam os 25 anos de atuação da entidade para o agronegócio do país e o que ela planejava daqui para frente. Desatou então a defender a ideia de que é preciso “fazer coisas diferentes”, atribuindo o vanguardismo a áreas como assistência técnica, educação a distância, ensino técnico e superior, formação de jovens gestores.

Dias antes, o mesmo Carrara assinou um artigo numa revista especializada em agronegócio, abordando o assunto. Um breve trecho: “O Senar, há 25 anos, tira as inovações das prateleiras dos institutos, universidades e da Embrapa e dissemina gratuitamente no campo todo conhecimento conquistado”. E disseminar não é, aqui, uma exagerada expressão, considerando que a entidade atendeu mais de 75 milhões de pessoas em duas décadas e meia - praticamente sete vezes a população atual estimada do Rio Grande do Sul.

O progresso, evidentemente, tem seus desafios. Estimular o uso de tecnologia a grandes empresários do campo seguramente não é o mesmo do que resgatar 3 milhões de propriedades rurais que quase não geram renda por falta de formação. No dia a dia, apesar de um enorme avanço em termos de praticidade, comodidade e acesso, a educação a distância convive com taxas significativas de evasão escolar. E há jovens que optam, todos os anos, por deixar o meio rural, mesmo conscientes da importância do setor ontem, hoje e amanhã, julgando estar nas metrópoles a satisfação pessoal e profissional, entre outros exemplos. Mas, afinal, alguém duvida que as prioridades colocadas pelo Senar são esforços necessários e com potenciais altíssimos de inovação na transmissão do saber?

A distância entre o conhecimento acadêmico e o prático, portanto, deveria também ser colocada como uma das maiores ameaças ao futuro abastecimento mundial de alimentos, no qual o Brasil desempenha decisivo papel. É por isso que entidades que sentem orgulho de construir pontes entre eles - ou, mais do que isso, literalmente erguer polos tecnológicos de apoio à pesquisa e de capacitação - devem ser estimuladas e valorizadas a cada boa notícia que vem do campo.

Luís Fernando Cavalheiro Pires*

Dizem que depois da tempestade vem a bonança. Também dizem que a vida é feita de ciclos. O Brasil, sua política, economia, e sua jovem democracia são testemunhas disso. Depois de um ciclo de episódios lamentáveis ocorridos na política, de decisões equivocadas de governo e instabilidades de mercado que formaram uma conjuntura de crise jamais vista no país, há indícios de que iremos recolocar o país nos trilhos do desenvolvimento. Explico os motivos do meu otimismo.

Inicialmente, apliquemos a tese do fundo do poço. Se ela tem algum fundamento, com certeza, já passamos por essa fase. Nos últimos anos, o Brasil passou por testes fortes, não somente para suas instituições, mas também, para os fundamentos básicos da economia. Isso me leva a crer que o futuro de médio prazo será positivo, se comparado com o passado recente.

Passamos também pelo “estelionato eleitoral” de 2014, quando o governo manteve as aparências da economia com alto custo para os cofres públicos, perdendo o controle da situação uma semana após a vitória nas urnas, mas estamos retomando a estabilidade e o crescimento econômico. Realizamos a Operação Lava-Jato, que expôs as feridas da política brasileira, mas estamos colocando os corruptos na cadeia. Enfrentamos os custos de um impeachment e convivemos com um governo transitório que bate recordes de reprovação, mas caminhamos para a realização de um processo eleitoral que deve acontecer dentro das regras básicas de uma democracia.

Um novo ciclo

Nesse contexto, as eleições de 2018 são peça fundamental para que consigamos virar essa página negativa em nossa história. No ano que vem, os brasileiros terão condições de demonstrar o quanto aprenderam com esse processo nas urnas. Se nos últimos anos identificamos que o caixa dois das eleições gera corrupção nos governos, teremos a oportunidade de realizar eleições a custos menores. Se hoje estamos descontentes com os nossos políticos, teremos a oportunidade de promover a renovação dos quadros.

Ademais, a transparência

Ainda precisamos enfrentar a desigualdade social, os entraves burocráticos ao desenvolvimento, o peso dos impostos e a ineficiência de sua distribuição no atual pacto federativo.

do processo eleitoral do ano que vem e a proposta que for escolhida pelos brasileiros serão os grandes componentes da imagem que transmitiremos para o mundo. Temos que dar exemplo de civismo e mostrar que somos capazes de exercer nossas virtudes democráticas em plenitude.

E iremos conseguir. Pesquisas que vem sendo divulgadas pelos meios de comunicação demonstram que o brasileiro aprendeu muito sobre o seu papel na sociedade e sua relação com o Estado. Muitas das crenças, hábitos e atitudes que predominavam no passado foram superadas pela realidade dos fatos.

Essas pesquisas mostram que, na média, o cidadão está muito mais informado. Sabe o quanto paga de impostos e exige o retorno dos governos

na forma de serviços públicos de qualidade e investimentos em infraestrutura. O eleitor de 2018 não quer mais ganhar uma bolsa, um vale. Quer ter condições de trilhar o seu próprio caminho, estudando e trabalhando. O cidadão que emerge da crise é muito mais responsável. Acredita no mérito, no empreendedorismo. A sociedade finalmente percebeu que o inimigo não é aquele que produz e gera empregos, mas sim o Estado ineficiente e perdulário.

Portanto, em que pese ainda estarmos sofrendo os efeitos de uma crise que irá ficar em nossa história, tivemos um período de grande aprendizado comum a todas as grandes nações que chegaram ao desenvolvimento sustentável. Mas esse aprendizado somente será válido se colocarmos nossos conhecimentos em prática. O Brasil ainda tem muitas tarefas em aberto, realizando grandes reformas, realizando políticas horizontais, que possa beneficiar toda a sociedade e não aquelas verticais, que beneficia apenas algum segmento ou os parceiros dos governos. Ainda precisamos enfrentar a desigualdade social, os entraves burocráticos ao desenvolvimento, o peso dos impostos e a ineficiência de sua distribuição no atual pacto federativo.

Tenho a certeza de que a experiência aliada à necessidade farão desta nação uma grande nação, e que nosso Rio Grande também irá viver tempos melhores nesse novo ciclo que se aproxima. A grande mudança passa por nossas escolhas e ações.

*Pres. da Comissão dos Jovens Empresários Rurais da Farsul

EXPEDIENTE

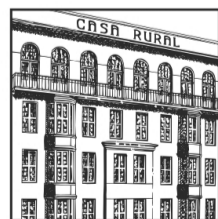
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco,
Gerson Raugust e Arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390